



UMA ANÁLISE SOCIOTERMINOLÓGICA DE SINAIS- TERMO EM UM DICIONÁRIO DE LIBRAS

A SOCIOTERMINOLOGICAL ANALYSIS OF TERM SIGNS IN A BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (LIBRAS) DICTIONARY

José Marcos Rosendo de Souza¹
Universidade Estadual do Ceará

Wellington Vieira Mendes²
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Resumo: A Língua Brasileira de Sinais (Libras) adentrou às diferentes esferas científicas graças ao seu reconhecimento enquanto língua das Comunidades Surdas brasileiras, pela Lei 10.436, de abril de 2002. Com isso, o seu estatuto linguístico se fortaleceu e, hoje, ela se tornou objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento especializado, sendo comum que os sinais-termo como parte de seu repertório terminológico estejam localizados em diferentes espaços técnico-científicos. Logo, é possível haver diferentes Unidades Terminológicas em Libras (UTL) para se referir a um mesmo objeto científico. Desse modo, propomo-nos com esse estudo analisar, sob o

¹ Professor Adjunto na Universidade Estadual do Ceará e Estagiário no Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em Pau dos Ferros – RN. E-mail: jose.marcos@uece.br.

² Professor na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: wvmendes@gmail.com.

viés da Socioterminologia, o sinal-termo abortar que apresenta variação terminológica registrado em um dicionário de Libras, o que contribui diretamente para o alargamento dos estudos da Socioterminologia aplicados à Libras, área pouco explorada na esfera científica. Respaldamo-nos principalmente nos postulados sobre Socioterminologia propostos por Faulstich (2006). Os sinais-termo analisados apresentam variação do tipo fonológica e morfológica, pois ora são alterados os parâmetros formacionais, ora apresentam supressão de itens lexicais na sua forma. A variação terminológica decorre de fatores como diferença na sinalização dos sinais-termo, contexto de comunicação especializada e espaço geográfico.

Palavras-chave: Socioterminologia; Libras; Registro terminológico.

***Abstract:** The Brazilian Sign Language (Libras) entered the different scientific spheres thanks to its recognition as a language of the Brazilian Deaf Communities, by Law 10,436 of April 2002. With this, its linguistic status was strengthened and, today, it has become an object of study in different areas of specialized knowledge. It is common for term signs as part of their terminological repertoire to be in different technical-scientific spaces. Therefore, it is possible to have different Terminological Units of Libras to refer to the same scientific object. Thus, we propose with this study to analyze, under the bias of Socioterminology, term-sign abort that present terminological variation registered in a Libras dictionaries. This directly contributes to the expansion of Socioterminology studies applied to Brazilian Sign Language, an area less explored in the scientific sphere. We are supported mainly by the postulates on Socioterminology proposed by Faulstich (2006). The analyzed term-signs contain a variation of the phonological and morphological type, as sometimes the formational parameters are changed, sometimes they present suppression of lexical items in their form. The terminological variation is due to factors such as the difference in the signaling of term signs, specialized communication context and geographic space.*

Keywords: Socioterminology; Libras; Dictionary terminology.

INTRODUÇÃO

O reconhecimento linguístico da Língua Americana de Sinais em meados da década de 1960 permitiu verdadeira profusão de pesquisas nas diferentes áreas da ciência da linguagem. Esse fato impulsionou, inclusive, a luta pelo reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua das Comunidades Surdas³ brasileiras, pela Lei 10.436, de abril de 2002 (BRASIL, 2002). O referido documento possibilitou não só a disseminação da língua de sinais no território brasileiro, mas provocou mudanças significativas nos

³ Adotamos a terminologia Comunidade Surda, com iniciais maiúsculas, por referir-se ao agrupamento cultural de pessoas que partilham suas vivências, experiências e valores por meio da Libras.

campos científicos. Graças a isso, hoje, a Libras pode ser estudada sob diferentes perspectivas teóricas, inclusive, sob o viés linguístico.

Estreitando mais a questão, por ser falada em diversas situações comunicativas, encontramos verdadeira diversidade lexical da Libras tanto em contextos gerais quanto em espaços técnico-científicos de uso. Dada essa diversidade, ao centrarmos-nos na esfera do léxico especializado é possível encontrar registro de variedades de Unidades Terminológicas em Libras (UTL) em compêndios lexicográficos, terminológicos, fraseológicos etc., as quais se referem a um mesmo objeto.

Nesse sentido, nos questionamos: Quais aspectos variacionais distinguem unidades terminológicas em Libras que se referem a um mesmo conceito? A qual nível linguístico esses aspectos se referem? E a partir deles, como podem ser classificados os tipos de variação terminológica identificados nessas UTL?

Com base nisso, o intento deste artigo é analisar os aspectos variacionais do sinal-termo abortar da área especializada da Medicina registrado no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (DLSB) (CAPOVILLA *et al.*, 2017). E temos como objetivos secundários mapear os sinais-termo da área especializada da Medicina que estão registrados no DLSB, que se referem ao conceito aborto; identificar os aspectos variacionais que distinguem os sinais-termo que têm esse conceito em comum; e apresentar os possíveis tipos de variações terminológicas no repertório lexical do sinal-termo abortar da Medicina.

Acreditamos que esse estudo permite vislumbrarmos o repertório lexical da Libras dentro das ciências do léxico, especificamente, na vertente que estuda a variação do léxico terminológico. Além de contribuir para o alargamento dos estudos da Socioterminologia e Libras, área pouco explorada cientificamente.

Primeiramente, selecionamos os teóricos que embasam nosso estudo. Centramos-nos nas leituras de Quadros (2019), Faulstich (2001, 2006), Cabré

(1993), entre outros. Além disso, os dados são compostos por UTL registradas no DLSB (CAPOVILLA *et al.*, 2017), as quais foram selecionadas da Medicina enquanto área especializada. Quanto ao critério de seleção, os sinais-termo e suas variantes foram selecionados a partir do nível de tecnicidade impresso nas definições ou por indicação da área especializada no enunciado-definitório de cada sinal-termo impresso no dicionário.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

São inegáveis as contribuições da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) preconizadas pelo legado de Maria Teresa Cabré e seu grupo de pesquisadores, pois por seus princípios as terminologias passaram a ser estudadas para além da normatização prevista em correntes teóricas anteriores à TCT. Enquanto parte desses novos paradigmas terminológicos, surge a Socioterminologia, que traz à tona o fenômeno da variação terminológica como algo inerente às Unidades Terminológicas (UT).

Desse modo, intentamos com esse tópico compreender o estudo das terminologias sob a perspectiva variacionista aplicando-os às UTL, já que essas, enquanto unidades linguísticas, não estão isentas das influências dos contextos comunicativos de uso científico. Posterior a esta exposição interseccionamos os pressupostos teóricos aqui abordados com os dados coletados da pesquisa.

É sabido que no campo científico, mais especificamente no que se refere à comunicação especializada, há verdadeira profusão lexical. Logo, é comum que as UT passem por processos de variação linguística quanto ao seu uso. Essa questão é corroborada por Barros (2006) ao afirmar que

A ciência avança e a divulgação de suas pesquisas produz documentação variada, em diferentes línguas. A transmissão do saber faz-se por meio de textos que possuem características peculiares, em nível semiótico, pragmático, sintático e, sobretudo, lexical, uma vez que é principalmente

por meio de uma terminologia própria que esse tipo de texto veicula os conhecimentos especializados (BARROS, 2006, p. 22).

Conforme as afirmações da autora, são infinitas as possibilidades de veiculação e produção terminológica, as quais permitem que termos sejam produzidos a nível comunicativo, entendemos que as áreas especializadas devem ser encaradas como lugar de produção linguística e como tal são inegáveis as possibilidades comunicativas para o surgimento de diferentes UT que designam um mesmo conceito.

Assim, afirmamos que por um viés comunicativo as UT podem ser afetadas extralinguisticamente, ou seja, existem influências contextuais que acarretam a produção e uso de determinadas unidades terminológicas, tais como: intenção comunicativa, escolhas lexicais, suporte científico etc.

Ainda com base no que pontua Barros (2006), é possível que suas afirmações também possam ser aplicadas ao estudo socioterminológico de UTL, tendo em vista que o conhecimento científico não é produzido apenas em dada esfera especializada e tampouco se restringe às línguas orais e seu registro. É oportuno ressaltar que a produção e divulgação científica na Libras é uma constante, de maneira que as UTL são registradas e disseminadas em espaços especializados de comunicação.

Corroborando essa posição, Tuxi (2019) afirma que o acervo lexical da Libras está em um contínuo renovo, assim como em qualquer outra língua natural. O viés da Socioterminologia nos possibilita perceber os sinais-termo também como unidades linguísticas passíveis de transformações comunicativas e conseqüentemente variação terminológica.

Destacamos que o interesse pelo estudo variacionista das terminologias só foi possível em razão da descentralização dos pressupostos teóricos de monovalência do pai da Terminologia, Eugen Wüster (1898-1977), para os princípios teóricos poliédricos dos termos propagados por Maria Teresa Cabré.

Seus estudos contribuem com o desenvolvimento de inúmeras possibilidades de análise das terminologias, pois se o termo é um artefato linguístico, esse pode ser estudado descritivamente sob diferentes enfoques: estrutural, cognitivo, semântico, discursivo e variacional (CABRÉ, 1993).

Conforme aponta Barros (2006), os postulados sobre terminologia ganharam impulso permitindo que fossem inseridos os apanhados sobre socioterminologia.

Passou-se a estudar a unidade terminológica também do ponto de vista sociolingüístico [sic], o que proporcionou o surgimento da socioterminologia. De acordo com essa disciplina científica, as variantes lexicais e conceptuais devem constituir objeto de estudo da terminologia e devem ser analisadas em contexto. (BARROS, 2006, p. 22).

Tendo em vista esse princípio, os sinais-termo podem passar pelos mesmos processos variacionais e de mudança que o léxico comum passa, dada sua natureza linguística e ação dos contextos de produção. Nesse sentido, as UTL estarão em constante mudança a depender do falante-pesquisador, suporte e contextos comunicativos. Barros (2006) salienta que o modelo proposto por Maria Teresa Cabré concebe o termo a partir da Teoria das Portas, pelo qual essas unidades linguísticas podem ser analisadas sob diferentes aspectos e ângulos, o que não impede de que possamos percebê-las numa dimensão social do uso.

Desse modo, abre-se margem para os estudos de sinais-termo a partir do viés socioterminológico e, nesse ínterim, ocupamo-nos de perceber as nuances variacionais entre as UTL selecionadas do corpus da pesquisa. É necessário salientar que os estudos da sociolinguística vislumbram o signo linguístico imerso no contexto comunicativo e, intrínseco a isso, as intenções do falante e as influências extralinguísticas que corroboram a construção desses signos, o que pode ser compreendido por “fator social” (CARVALHO; FERREIRA, 2012).

Tomando em conta essa possibilidade de estender os estudos terminológicos sob o aspecto variacional, Faulstich (2001) afirma que a Terminologia possui em seu cerne uma matriz interdisciplinar, logo há margens para se estudar os sinais-termo a partir daquele aspecto e ainda

Nesse contexto, tanto os fundamentos da terminologia geral, quanto da terminologia variacionista construíram postulados que passam pelo conhecimento implícito e explícito que um falante tem de sua língua. Esse conhecimento fomenta o discurso cotidiano, uma vez que cerca de noventa por cento dos itens lexicais empregados no dia-a-dia [sic] são termos. (FAULSTICH, 2001, p. 12).

O pensamento da autora põe em questão as múltiplas possibilidades que há para se analisar descritivamente as terminologias, incluindo aí o enfoque variacionista, tendo vista que isso, ainda de acordo com a autora, já era previsto desde os postulados de Eugen Wüster, quando este aconselha que uma terminologia não deve ser expressa de modo plurivalente ou por múltiplas denominações, sendo considerada uma anomalia os termos que motivassem a variação.

Todavia, o aspecto variacional, ou a percepção das terminologias enquanto fato social, é feito apenas a partir da década de 1980, quando os estudos na área da Terminologia tiveram como finalidade compreender a variação como fenômeno não apenas da língua comum, mas também nas linguagens de especialidade, tendo em vista que a Terminologia é de ordem social (FAULSTICH, 2001, p. 12). Assim, Carvalho e Ferreira (2012) afirmam que “Por ser um fato social, a língua [e por conseguinte as terminologias] não pode[m] ser concebida[s] sem suas variedades diatópicas, diastráticas, diafásicas e históricas.”

Desse modo, compreendemos que essas “perturbações” linguísticas, as quais são mencionadas por Eugen Wüster, ocorrem por causa de diferentes

fatores, mas sobretudo a partir do fenômeno comunicativo. Conforme salienta Faulstich (2006), apresentado a Terminologia o aspecto discursivo, inerente a sua produção estejam presentes diferentes recursos comunicativos como a metáfora, a elipse, a correferência, assim como outras possibilidades de uso – o que coloca os estudos em terminologias no patamar variacionista, pelo qual o aspecto social está em evidência na linguagem especializada (CARVALHO; FERREIRA, 2012).

Faulstich (2001) identifica duas possibilidades para explicar esse fenômeno linguístico, que também aplicaremos aos sinais-termo, a saber:

A variação lingüística monolíngüe [sic] pode ser regional e pode ocorrer entre campos temáticos. A variação lingüística interlíngüe se dá quando diferentes termos são empregados para designar um só conceito em várias línguas. Estes são denominados sinônimos de variação. (FAULSTICH, 2006, p. 18).

Além disso, a autora delinea a sistematização da socioterminologia, ao afirmar que cabe a este campo de estudo, da Terminologia, a análise da “[...] diversidade de termos que ocorrem em plano vertical, horizontal e temporal da língua.” (FAULSTICH, 2006, p. 29).

A partir disso, podemos compreender que as mudanças linguísticas ocorrem a partir de diferentes fatores, que podem ser de ordem histórica, por causa do desenvolvimento linguístico que conseqüentemente acompanha o movimento de mudança da sociedade. Todavia, ao passo que essa mudança ocorre em plano vertical, também se dá em plano horizontal, tendo em vista que os falantes de determinada língua estão situados em espaços sociais e geográficos distintos; e há essa mudança por causa do estilo particular de cada falante ao comunicar.

Logicamente que esses princípios também se instauram no plano científico, tendo em vista que estamos lidando com uma linguagem, a qual

estará em movimento e passível de influências externas, comunicativas, discursivas linguisticamente. Assim, “[...] tratar de terminologia técnico-científica é tratar de questões das línguas e não de um constructo formal idealizado a serviço de uma comunicação ao âmbito de especialistas.” (KRIEGER; FINATTO, 2017, p. 34).

Esse pensamento é corroborado por Lima (2017) ao afirmar que os limites que separam a linguagem especializada da linguagem comum são tênues, logo

[...] considerar os aspectos da variação no discurso especializado significa compreender que esse é um fenômeno natural, que faz parte da linguagem de modo geral, independentemente de ser especializada ou não. [...] Aprender os aspectos da variação terminológica só vem a confirmar que os limites entre o termo especializado e a palavra pertencente à língua comum são tênues. [...] A distinção consiste na situação de comunicação em que cada um deles se situa. (LIMA, 2017, p. 75).

Por esse princípio, compreendemos que os sinais-termo também podem variar tanto na língua comum quanto no uso especializado, e por isso concordamos com o pensamento da autora, pois o que difere de fato é a situação comunicativa. Inúmeros fatores, entretanto, podem contribuir para que as terminologias variem, isto é, existem fatores externos e internos à própria língua que podem influenciar diretamente ou indiretamente a existência de diferentes terminologias ou, na Libras, os sinais-termos.

Nesse sentido, Faulstich (2001, p. 20) salienta que o campo da Socioterminologia defende a observação do uso do termo em diversos contextos, logo nesses podem ser identificadas “[...] variantes dentro de um mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o mesmo termo é usado.”

Salientamos que as definições da autora se referem a termos que são observados nas modalidades oral e escrita da língua, mas derivamos que os sinais-termo por pertencerem ao léxico de uma língua natural, como é o caso da Libras, também podem apresentar variantes. Para tanto, pautamo-nos na

seguinte posição: “[...] a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, e porque é de uso social.” (FAULSTICH, 2001, p. 20).

Faulstich (2001) discute em seus estudos os princípios que possibilitaram a criação de variantes terminológicas. A autora toma por base os modelos de variação do fonema (alofone) e do morfema (alomorfe), mesmo que esses no campo da Terminologia apresentem diferenças construcionais. Desse modo, afirma que há termos que são semelhantes em decorrência dos seguintes fatores:

- i) formas escritas quase semelhantes, mas de mesma significância;
- ii) termos diferentes decorrentes do uso em diferentes contextos, todavia com mesmo significado;
- iii) formas distintas decorrentes dos contextos geográficos, mas que apresentam o mesmo significado;
- iv) termos que apresentam mesma forma ou não, com significado idêntico ou desviante graças ao processo “evolutivo” da língua na história;
- v) formas que advêm de línguas estrangeiras, que por contato provocam o aparecimento de uma nova variante na língua nativa.

As contribuições Faulstich (2001) podem ser aplicadas em nosso estudo, tendo em vista que a Libras é uma língua natural, logo o fenômeno da variação terminológica tende a estar presente, todavia respeitando as especificidades tanto da modalidade visuoespacial quanto de seu falante.

Sobre as tipologias variacionais, Faulstich (2001) apresenta uma espécie de retrospectiva acerca da classificação das variantes terminológicas. Inicialmente, ela identifica cinco tipos de variantes, as quais são nomeadas de: variante morfossintática, variante lexical, variante socioprofissional e variante topoletal.

Contudo, a partir do processo de revisão, essas tipologias são renomeadas e passam a ser variantes terminológicas linguísticas, em que o fenômeno linguístico é responsável pelo surgimento da variante; e variantes terminológicas de registro, as quais surgem do ambiente de ocorrência nos planos vertical, horizontal e temporal (FAULSTICH, 2001).

A autora salienta que, por causa de diferenças que podem surgir nessas variações, essas tipologias passaram a ser classificadas como: variante terminológica lexical, morfossintática e gráfica; e as que se referem às variantes de registro, sua nomeação permanece como: variantes terminológicas geográfica, discursiva e temporal.

Em texto mais recente, a autora apresenta uma reclassificação das tipologias das variantes terminológicas, que são postuladas como categorias concorrentes, coocorrentes e competitivas (FAULSTICH, 2006), subdivididas em outras categorias organizadas pela estudiosa do seguinte modo:

Variantes Concorrentes, enquadram-se nessa categoria as variantes formais, que se subdividem em variantes formais terminológicas linguísticas (fonológicas, morfológicas, gráficas, lexicais e sintáticas) e variantes terminológicas formais de registro (geográficas, discursivas e temporais);

Variantes Coocorrentes são termos sinônimos;

Variantes Competitivas são incluídas nessa categoria as variantes advindas de empréstimos de formas vernáculas, termos híbridos, decalcado e estrangeirismos (FAULSTICH, 2006).

A partir dos pressupostos apresentados aqui quanto aos tipos de variação terminológica, pensamos em outras possibilidades levando em consideração a modalidade linguística da Libras, pois estamos lidando com uma língua visuoespacial. No tópico seguinte, apresentamos os pressupostos metodológico-analíticos deste estudo.

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICO-ANALÍTICOS

Traçamos nesta seção os desdobramentos metodológico-analíticos para fins de atendimento ao objetivo proposto para este trabalho. Desse modo, com o intuito de auxiliar a análise aqui depreendida, selecionamos como corpus de pesquisa o DLSB (CAPOVILLA *et al.*, 2017), que é dividido em três volumes. Esse é um dos poucos compêndios que reúne o repertório de itens lexicais da Libras. Salientamos, todavia, que dado ao vasto número de sinais, ele registra tanto o léxico comum quanto o léxico especializado.

Assim, tendo em vista o grande acervo lexical, voltamo-nos sobre o registro das UTL da área especializada da Medicina. E como critério de seleção dos sinais-termo seguimos dois princípios: o primeiro é a presença de variantes para um mesmo sinal-termo; e o segundo é a indicação da área especializada na definição dessas terminologias, ou alguma informação que se refira à Medicina.

Para atender esse segundo princípio, como já dissemos, centramo-nos no enunciado definitório, que deve comportar informações de natureza especializada, conforme exemplo situado a seguir para definição do sinal-termo ABACAXI: “[...] É indicado para melhoria geral do quadro respiratório em casos de constipação broncopulmonar [...]” (CAPOVILLA *et al.*, p. 2017, p. 48).

Conforme pode ser percebido na definição apresentada no DLSB, o enunciado-texto traz informações de teor técnico-científico quando recorre aos seguintes termos: quadro respiratório de constipação broncopulmonar. Consideramos essa expressão como marca indicativa de uma área especializada e nesse exemplo pode ser a medicina, a biologia ou a botânica (tendo em vista que se trata de um fruto). Não há como predizer especificamente a qual área se refere, pois o conhecimento especializado assim como as terminologias transita de um campo para outro.

Para delimitar o número de UTL para nossas análises selecionamos o Volume I, do DLSB, que comporta os sinais organizados em ordem alfabética de A – D. Tendo em vista ainda o grande quantitativo de unidades lexicais, debruçamo-nos apenas sobre os sinais que têm entradas iniciadas com a letra A do alfabeto latino. No total, localizamos treze UTL e suas respectivas variações que transitam na área especializada da Medicina, as quais têm os seguintes conceitos: abortar (7), adoecer (2), aferir (2), AIDS (2), alergia (4), alergologista (2), alta hospitalar (2), amigdalite (2), anamnese (2), anestesia (2) angiologia (2), audiometria (3) e auxiliar de enfermagem (3). Contudo, percebendo ainda o extensivo número de sinais-termo, sistematizamos as análises tomando por referência a UTL abortar, tendo em vista que ela possui sete entradas no DLSB. As demais terminologias servirão de dados para as próximas pesquisas, pois o espaço deste artigo não comportaria mais análises.

Com base em Faulstich (2001, 2006), compreendemos que as terminologias e os sinais-termo no corpus passam por diferentes tipos de variação, tendo em vista que o conhecimento pode ser produzido e gerido em diferentes contextos e por diferentes falantes, logo entra em voga fatores como: escolhas lexicais, origem geográfica, estilo e cronologia que podem ocasionar a variação terminológica. Com base nisso e nos postulados de Faulstich (2001, 2006) ao que toca às variantes concorrentes, coocorrentes e competitivas elaboramos dois tipos de variação terminológica que atendem as especificidades da língua visuoespacial, a saber: variação fonológica e variação morfológica.

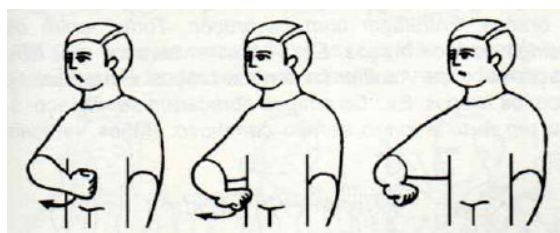
- A *Varição Fonológica* ocorre quando há modificação nos parâmetros que constituem o sinal-termo, a saber: Configuração de Mão, Locação, Movimento, Orientação da Palma da Mão, Expressão Não manual e Uso de duas mãos. Esses parâmetros fonológicos são apresentados por Quadros (2019).

Essas unidades constituem fonologicamente cada item lexical e elas podem ser alocadas diferentemente. Entendemos que esse tipo de variação ocorre dada a localização geográfica, processo formativo dos sinais-termo e comunidade linguística dos falantes, tendo em vista que, de acordo com o que consta nas informações do registro dos sinais-termo, eles foram coletados em estados diferentes, o que pode acarretar modos distintos de sinalizar.

Sobre esse tipo de variação, identificamos no *corpus* a UTL-5 (Fig. 1) e a UTL-6 (Fig. 2). Sobre a primeira, é sinalizada nos estados do Ceará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. E seu verbete no DLSB informa que esse sinal-termo se refere ao aborto provocado.

Em relação à sua composição fonológica, pode-se perceber que é realizada em configuração de mão em S (do alfabeto datilológico); palma da mão para trás; movimento (forte) iniciado no abdome, na horizontal para frente, repetindo duas vezes; e expressão facial com a boca semiarqueada para baixo, conforme pode ser visto na Figura 1 a seguir:

Figura 1: Sinal-termo abortar (5)

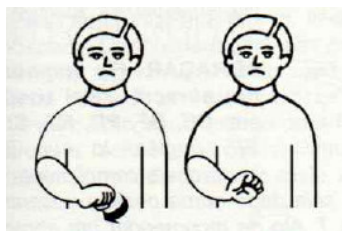


Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 63).

Sobre a segunda UTL-6, ela segue o mesmo processo composicional da UTL-5, tendo em vista que identificamos as mesmas unidades fonológicas, todavia o que as distingue é a supressão de uma das repetições do movimento. Sendo assim, podemos classificar esse tipo de fenômeno como Variação

Fonológica, dada a possibilidade de alteração, conforme pode ser visto a seguir, na Figura 2:

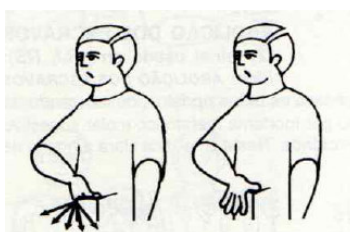
Figura 2: Sinal-termo abortar (6)



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 63).

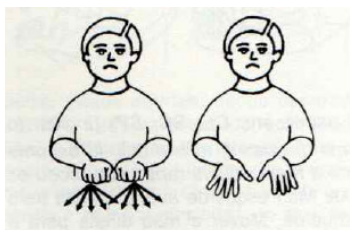
Esse tipo de variação ainda foi identificado nas seguintes unidades terminológicas: UTL-1 (se refere ao aborto espontâneo) presente no repertório lexical do estado de São Paulo, UTL-3 (se refere ao aborto espontâneo) sinalizada em Santa Catarina e UTL-7 (se refere ao aborto provocado) sul-matogrossense, respectivamente representadas nas Figuras 3, 4 e 5 a seguir:

Figura 3: Sinal-termo abortar (1)



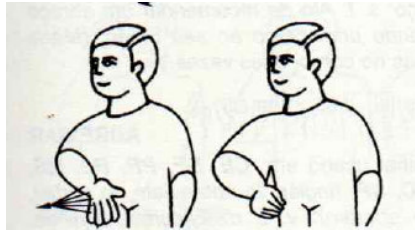
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 62).

Figura 4: Sinal-termo abortar (3)



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 62).

Figura 5: Sinal-termo abortar (7)



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 62).

As UTL-1 e UTL-3 se distinguem quanto ao parâmetro fonológico duas mãos; e a UTL-7 apresenta distinção na expressão facial. Percebemos que essas diferenças são de ordem contextual, pois essa última refere-se ao aborto provocado e isso, talvez, seja representado na face do sinalizante.

- Quanto à *Variação Morfológica*, formulamo-la levando em conta as possibilidades que ocorrem no processo de formulação de uma terminologia, isto é, o processo é guiado por informações extralinguísticas, o que pode gerar UTL com aspectos morfológicos diferentes. Em relação à morfologia das UTL, podemos classificá-las em simples – quando formadas por um item lexical; compostos verdadeiros – quando formadas por dois sinais distintos; e frasal – quando apresentam três ou mais sinais em sua composição morfológica (SOUZA, 2020).

No DLSB identificamos duas UTL, ainda dentro do conceito abortar, que apresentam variação morfológica, quais sejam: UTL-4 do Ceará e a UTL-2 também sinalizada no Ceará e no Rio de Janeiro. Os aspectos morfológicos do primeiro sinal-termo nos permitem classificá-lo como frasal, tendo em vista que há a sucessão de três itens lexicais distintos, conforme pode ser visto na Fig. 6:

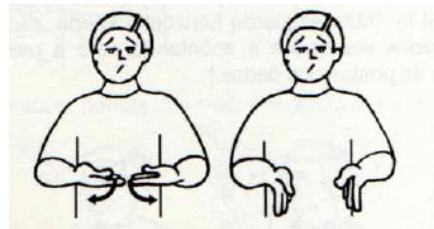
Figura 6: Sinal-termo abortar (4)



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 63).

Os três itens lexicais presentes nessa terminologia são sinalizados sequencialmente. O primeiro que remete a cor vermelho associa-se ao segundo, que representa a “expulsão do feto” e o conceito é finalizado com o terceiro, que representa nascimento. Todavia, na UTL-2 há a supressão dos dois primeiros sinais presentes na composição da UTL-4, conforme Fig. 7:

Figura 7: Sinal-termo abortar (2)



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 62).

Quanto à natureza desse tipo de variação, Lima (2017) salienta que as unidades terminológicas podem ser classificadas, de acordo com sua variação, em monoléxica ou poliléxicas, o que ocorre nessas duas UTL em análise. “As modificações podem ocorrer entre unidades monoléxica, entre unidades poliléxicas, seja com alterações de base, seja com alterações na extensão.” (LIMA, 2017, p. 90).

Com base nos pressupostos teóricos, principalmente de Faulstich (2001), é possível evidenciar que as condições para que essas variações ocorram advêm de diferentes fatores. O primeiro dele faz referência à questão da semelhança,

isto é, mesmo não se tratando do modo como são escritos, os sinais-termo em análise apresentam semelhanças quanto ao modo que são sinalizados.

O segundo fator faz referência aos contextos comunicativos em que são sinalizados, isto é, o DLSB usado para coleta das UTL explicita que elas podem se referir a diferentes tipos de aborto, espontâneo ou provocado. Então, é tomando por referência essas informações que aquelas terminologias são sinalizadas de modos distintos, mas partilhando de um mesmo significado.

Por fim, destacamos que existem formas distintas de sinalização em razão dos contextos geográficos presentes, isto é, as Comunidades Surdas de pesquisadores estão situadas em diferentes espaços e o modo de conceituar o conhecimento sobre a área especializada da Medicina é particular à percepção do agrupamento de indivíduos. Salientamos, entretanto, que a variação terminológica pode decorrer a partir de outros fatores que não foram contemplados neste estudo. Além disso, os princípios identificados na UTL abortar podem ser aplicados facilmente nas demais terminologias registradas no DLSB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento especializado transita entre diferentes áreas do saber, podendo ser registrado em dicionários, dicionários especializados, enciclopédias e outros objetos lexicográficos e terminográficos que têm como objetivo “guardar” o acervo lexical das línguas naturais. Assim, com base no pressuposto de que são produzidos diferentes sinais-termo para um mesmo objeto, propusemo-nos com este estudo a analisar os aspectos variacionais de sinais-termo da área especializada da Medicina registrados no DLSB (CAPOVILLA *et al.*, 2017).

A Libras hoje é reconhecida como língua das Comunidades Surdas brasileiras e nela também são produzidos conhecimentos especializados em

diferentes áreas. Por isso, interessamo-nos pelos sinais-termo que se referem a conceitos que transitam dentro da área especializada da Medicina.

Para alcançarmos o objetivo geral pretendido, situamos nossa pesquisa na Socioterminologia que tem como um dos princípios investigativos perceber as diferenças linguísticas entre terminologias. Assim, primeiramente selecionamos o DLSB como objeto de estudo, pois mesmo sendo considerado como dicionário de uso comum, registra sinais-termo.

Posteriormente, mapeamos as UTL da área da Medicina do Volume I e com entradas iniciadas com a letra A do alfabeto latino. Localizamos um total de treze sinais-termo com suas respectivas variações e tomamos a UTL abortar para construirmos a análise, tendo em vista que ela apresenta sete variações.

Com base nos princípios da Socioterminologia, identificamos os aspectos variacionais e apresentamos os tipos de variação terminológica presentes na UTL abortar. Percebemos que os aspectos se referem tanto à composição fonológica quanto à morfológica e acreditamos que isso ocorre por três fatores, a saber: distinção na sinalização, contexto comunicativo especializado e origens geográficas distintas.

Entendemos que as observações aqui apresentadas podem ser aplicadas em outras UTL tanto da área especializada da Medicina quanto em outros campos de especialização. À guisa de análise, este estudo é mínimo em comparação com pesquisas maiores já desenvolvidas, mas propomos que contribua para a ampliação do repertório de pesquisas na área da Socioterminologia da Libras.

REFERÊNCIAS

BARROS, Lídia Almeida. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da Terminologia. *Revista da sociedade brasileira para o progresso da ciência*, n. 2, p. 48-51, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a11v58n2.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 11 abr. 2020.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CAPOVILLA, César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

CARVALHO, Flávia Medeiros; FERREIRA, Alice Maria Araújo. Da sociolinguística à Socioterminologia: definindo conceitos. *Tabuleiro de Letras*, n. 5, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/issue/view/22>. Acesso em: 11 abr. 2020.

FAULSTICH, Enilde. Aspectos da terminologia geral e terminologia variacionista. *TradTerm*, v. 7, n. 1, p. 11-40, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49140>. Acesso em: 11 jan. 2021.

FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica. *Revista da sociedade brasileira para o progresso da ciência*, n. 2, p. 27-31, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a12v58n2>. Acesso em: 11 jan. 2021.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2017.

LIMA, Edmar Peixoto. *Abordagem terminológica nas veredas teóricas da argumentação: uma investigação sob perspectiva da variação denominativa*. 2017. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UECE-0_b6d20657908014dfa2b725b02562f8d7. Acesso em: 11 jun. 2020.

QUADROS, Ronice Müller. *Libras*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SOUZA, José Marcos Rosendo de. *Um estudo sobre os sinais-termo das plantas medicinais falados por surdos*. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2020. Disponível em: https://www.uern.br/controldepaginas/defendidas-em-2020/_arquivos/6182tese_final_jose_marcos_rosendo.pdf. Acesso: 11 jan. 2021.

TUXI, Patrícia. Terminologia, terminografia e línguas de sinais: novos rumos linguísticos. *Revista Coralina*, v. 1, n. 1, p. 123-139, 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/coralina/article/view/8772>. Acesso em: 11 out. 2020.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 19 de julho de 2022.

Aprovado em sistema duplo cego em: 21 de maio de 2023.